



# A CATÁSTROFE CLIMÁTICA E O ATAQUE NEOLIBERAL À ÍNDIA RURAL

DUAS REPORTAGENS POR P. SAINATH



Dossiê nº21

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Outubro de 2019

**A CATÁSTROFE CLIMÁTICA  
E O ATAQUE NEOLIBERAL  
À ÍNDIA RURAL**

**DUAS REPORTAGENS POR P. SAINATH**



Dossiê nº21 do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Outubro de 2019

O Censo Indiano de 2011 contabilizou 833 milhões de pessoas vivendo em áreas rurais, sendo agricultores cerca de 95,8 milhões. A Índia rural, nas últimas décadas, passa por uma grave crise agrária, como consequência da comercialização da agricultura, da dominação do setor por corporações multinacionais, dívidas enormes entre os pequenos agricultores e trabalhadores agrícolas. Há uma epidemia de suicídios, altas taxas de desnutrição e crises em cascata entre artesãos e mineiros, os outros trabalhadores de áreas rurais. Desde 1995, mais de 300 mil agricultores cometeram suicídio e 15 milhões de agricultores abandonaram seus campos.

Essa crise não pode ser atribuída inteiramente à catástrofe climática. Foi criada pela política neoliberal que devastou a vida social de centenas de milhões de indianos. Os custos da agricultura aumentaram, o crédito em condições razoáveis desapareceu e o comércio de mercadorias está previsivelmente favorável aos comerciantes e empresas multinacionais. De fato, as empresas multinacionais do ramo, com seu controle sobre a cadeia global de *commodities* que abarca das sementes até as mercearias, beneficiam-se independentemente do clima irregular e dos preços flutuantes das *commodities*. Os agricultores, entretanto, sofrem incessantemente.

P. Sainath, membro sênior do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** e fundador do Arquivo Popular da Índia Rural (PARI, sigla em inglês para People's Archive for Rural India), acompanhou essa crise desde o início. Foi sua investigação que revelou a corrupção premeditada que deformou os projetos de desenvolvimento rural da Índia em seu premiado livro *Everybody loves a good drought* [Todo

*mundo adora uma boa seca*], de 1995. Com uma equipe de jornalistas do campo, P. Sainath revelou a terrível cadeia de suicídios em fazendas, encoberta pelo governo e pelo tabu ligado à vergonha das famílias. Nos últimos anos, Sainath tem escrito sobre a imensidão da catástrofe climática e os tentáculos das finanças no campo. Para este Dossiê n. 21, compartilhamos duas de suas histórias. A primeira trata do forte impacto das mudanças climáticas sobre uma economia rural já agredida. Sainath nos leva à região de Rayalaseema, no estado indiano de Andhra Pradesh, onde agricultores sobrevivem nas condições mais adversas graças às empresas de sementes. A segunda história nos leva ao estado de Kerala, onde encontramos uma cooperativa de mulheres – Kudumbashree – que resiste às terríveis inundações ocorridas em Kerala (que abordamos no Dossiê n. 9: *Como Kerala lutou contra a maior enchente de quase um século*). Sainath não apenas documenta o lado feio da história. Ele também busca iniciativas que dão vida a um futuro para o planeta.

Sainath oferece um programa rápido de três pontos para reverter a calamidade agrária:

1. A agricultura deve ser agroecológica em sua abordagem, o que influencia a escolha do local para a agricultura e a escolha do cultivo. O café não deve ser cultivado no Alasca e a cana-de-açúcar não deve ser cultivada em Marathwada. As culturas nativas devem ser aproveitadas. Deve-se dar atenção aos cultivos perenes e aos que requerem apenas pesticidas e fertilizantes orgânicos.

2. A agricultura deve deixar de usar produtos químicos tóxicos e sementes perigosamente mecanizadas.
3. A reforma agrária é essencial, principalmente a que cria cooperativas e coletivização. A agricultura pertence às comunidades, não às corporações.





O agricultor Pujari Linganna na vila de Dargah Honnur no distrito de Anantapur em Andhra Pradesh olha para a *bajra* (painço) que está nascendo; ele tenta cultivar uma variedade híbrida em uma porção de terra que passa por rápida desertificação. Arquivo Popular da Índia Rural / Rahul M.

Quando os ursos negros do Himalaia saem da hibernação um mês mais cedo e atacam aldeias porque a “refeição de boas-vindas” da natureza – frutas, raízes e nozes – ainda “não está pronta”, percebemos que algo está mudando. Quando um pedaço de terra nas profundezas da região peninsular do sul fica tão seca que a indústria cinematográfica a utiliza para filmar cenas de “luta no deserto”, você sabe que não se trata da arte imitando a vida e a natureza. Quando as experiências de agricultores, trabalhadores e pescadores comuns lhe mostram como nossas práticas industriais e agroecológicas estão ligadas a episódios climáticos extremos, sabemos que precisamos de uma grande mudança. Precisamos libertar o debate sobre mudanças climáticas dos cleptocratas corporativos e seus especialistas.

Hoje esse debate está sob controle dos burocratas de governos nacionais (atuando como comitês executivos de seus respectivos mundos corporativos) e das grandes empresas automotivas e seus companheiros de viagem, cujos *think tanks* querem que aprendamos a combater as mudanças climáticas – desde que à sua maneira.

Esses grandes *think tanks* têm posições que variam da negação à explicação justificada pelos caprichos da natureza – “isso já ocorreu antes; esquecemos a Era do Gelo, quando sequer havia indústria por perto?”, dizem eles. “O papel da ação humana está sendo exagerado”, completam. Existem ainda os jornalistas que não sabem a diferença entre um manguê e um arado manual, mas que pregam a partir da agenda corporativa centrada no mercado.

Cobrir a Índia rural não é fácil, muito menos sua crise climática. Para começar, a Índia não possui uma definição oficial do que é “rural”. O Censo da Índia de 2011 define “unidade urbana” ou cidade, e afirma que “todas as áreas que não são categorizadas como urbanas são consideradas rurais”. Ou seja: tudo que não seja urbano é rural. Em seguida, temos a extraordinária variedade de zonas climáticas na Índia (cujo número varia de acordo com o sistema de classificação utilizado).

No Arquivo Popular da Índia Rural (PARI), decidimos que era nosso papel aprender, e não sair pregando. Nosso entendimento do bom jornalismo é aquele que se envolve com os grandes processos de nosso tempo e conta suas histórias por meio da vida cotidiana de pessoas comuns. Decidimos tentar entender os enormes impactos e causas das mudanças climáticas por meio das vozes das pessoas e suas experiências. Decidimos tentar isso em todas as zonas climáticas do país. E cada repórter, em qualquer zona em que estava, se via em uma jornada de descoberta.

Em Anantapur, descobrimos como mexer com práticas agrícolas localmente desenvolvidas, saudáveis e ambientalmente sustentáveis para a eficiência capitalista pode ter consequências inacreditáveis. Como a mudança para os modelos capitalistas de agricultura corporativa (incluindo o uso de sementes pertencentes a corporações) não atinge apenas a economia da agricultura, mas prejudica o papel e o *status* das mulheres na agricultura daquela região. E como isso afeta as temperaturas, o clima e, finalmente, contribui em algum nível para as mudanças dos padrões climáticos.

Em Kerala, aprendemos mais em uma tarde com as mulheres agricultoras do grande movimento Kudumbashree do que em um mês de seminários de think tanks. Com elas, aprendemos sobre esperança e possibilidades, e como o uso, propriedade e controle da terra são importantes na busca de uma agricultura sustentável. Esperamos que as duas histórias que se seguem transmitam algo desse aprendizado.



**As fileiras de plantas de Honnureddy minuciosamente dispostas foram cobertas de areia em quatro dias.**

Arquivo Popular da Índia Rural / P. Sainath

## *I. Chove areia em Rayalaseema*

É uma cena clássica de luta no deserto do cinema indiano. Contra o fundo de dunas e depressões com uma pequena pitada de vegetação, o herói se levanta das areias ardentes de um deserto árido para espancar os vilões. Com um pouco mais de calor e poeira em relação ao que já foi concedido pela natureza, o filme chega ao final feliz (exceto para os vilões). Inúmeros filmes indianos encenaram essas sequências em um deserto desolado do Rajastão. Ou mesmo nas ravinas do vale de Chambal, em Madhya Pradesh.

Só que essas cenas áridas e desérticas não foram feitas em locações no Rajastão ou Chambal, mas nas profundezas da península do sul, na região de Rayalaseema, em Andhra Pradesh. Essa região específica de cerca de mil acres no distrito de Anantapur – uma vez coberta pelo cultivo de painço – tornou-se, ao longo de décadas e décadas, um deserto. Isso foi motivado por fatores muitas vezes paradoxais – e criou o tipo de espaço para o qual cineastas enviam seus caçadores de locações.

Na vila de Dargah Honnur, onde residem os principais proprietários dessa região, era difícil fazer alguém acreditar que não estávamos atrás de um local para filmar. “Que filme é esse? Quando vai sair?”, nos perguntavam explicitamente. Alguns mostravam um rápido interesse quando descobriam que éramos jornalistas.

Os realizadores de filmes Telugu<sup>1</sup> tornaram o local famoso – *Jayam Manade Raa* [A vitória é nossa] filmou cenas de luta no território entre 1998 e 2000. Como qualquer cineasta comercial dedicado faria, eles mexeram em seu “cenário” para melhorar o visual do deserto. “Tivemos que arrancar nossa colheita (pelo qual nos compensaram)”, diz Pujari Linganna (45 anos), cuja família é dona dos 34 acres em que a luta foi filmada. “Também removemos um pouco de vegetação e pequenas árvores para parecer mais real”. Trabalho de câmera hábil e o uso inteligente de filtros fizeram o resto.

Se os criadores de *Jayam Manade Raa* estivessem filmando uma sequência 20 anos depois, teriam muito menos trabalho. O tempo, a natureza atormentada e a implacável intervenção humana produziram todos os “aprimoramentos” necessários.

Mas é um curioso trecho do deserto. Ainda há cultivo, pois há água subterrânea muito perto da superfície. “Nós chegamos na água neste trecho a apenas 4,5 metros para baixo”, diz P. Honnureddy, filho de Linganna. Em grande parte de Anantapur, os poços não encontram água antes de 150 metros. Em algumas partes é necessário perfurar 300 metros. No entanto, aqui a água jorra de um poço raso, enquanto conversamos. Tanta água, tão perto da superfície, neste pedaço de terra quente e arenoso?

---

<sup>1</sup> Esse segmento cinematográfico, conhecido como Tollywood, é um segmento dedicado à produção de filmes no idioma Telugu, falado amplamente nos estados de Andhra Pradesh e Telangana.

“Toda essa área fica em um leito de rio extenso”, explica Palthuru Mukanna, agricultor de uma vila próxima. Que rio? Não podemos ver nada. “Eles construíram uma barragem [cerca de cinco] décadas atrás, a cerca de 25 a 30 quilômetros de Honnur, no rio Vedavathi, que corria por aqui. Nosso trecho do Vedavathi (um afluente do Tungabhadra – também chamado de Aghari) simplesmente secou”.

“Foi realmente o que aconteceu”, diz Malla Reddy, do Ecology Center (do Fundo de Desenvolvimento Rural de Anantapur). Poucos conhecem essa região tão bem quanto ele. “O rio pode estar morto, mas, ao longo de séculos, ajudou a criar um reservatório subterrâneo de água que agora está sendo incansavelmente minerada e extraída. Em quantidades que indicam um desastre próximo”.

Esse desastre não demorará muito a chegar. “Quase não havia um furo há 20 anos”, diz V. L. Himachal (46 anos), um agricultor com 12,5 acres na área deserta. Era tudo agricultura de sequeiro. Agora, existem entre 300-400 poços em cerca de mil acres. Atingimos a água a 9 metros, às vezes mais”. É uma média de um poço a cada três acres, até menos.

Essa é uma alta densidade, mesmo para Anantapur que, como Malla Reddy aponta, “possui quase 270 mil poços, embora a capacidade do distrito seja de 70 mil. E quase metade desse grande número está seco este ano”.



**O neto de Linganna, Honnur Swamy cultiva no deserto atualmente.**  
Arquivo Popular da Índia Rural / Rahul M.

Então, para que servem os poços nessas terras ruins? O que está sendo cultivado? O que se destaca no trecho que exploramos não é nem o cultivo generalizado de amendoim, mas o painço [*bajra*], cultivado aqui para multiplicação de sementes. Não para consumo ou para o mercado, mas para empresas de sementes que contrataram os agricultores. Você pode ver plantas masculinas e femininas dispostas ordenadamente em linhas adjacentes. As empresas estão criando um híbrido a partir de duas linhagens diferentes de painço. Essa operação consumirá muita água. O que resta da planta após a extração de sementes servirá, na melhor das hipóteses, como forragem.

“Conseguimos 53,5 dólares por 100 kg nesse trabalho de replicação de sementes”, diz Pujari Linganna. Parece pouco, dado o trabalho e os cuidados envolvidos – e o fato de as empresas venderem essas sementes para os agricultores a preços muito altos. Outro cultivador nesse trecho, Y. S. Shantamma, diz que sua família recebe 52 dólares a cada 100 kg.

Shantamma e sua filha Vandakshi dizem que o problema do cultivo aqui não é água. “Chegamos a ter água na vila, apesar de não termos conexão em casa”. A dor de cabeça é a areia que, além do enorme volume em que já existe, pode se acumular muito rapidamente. E caminhar, mesmo que pequenas distâncias, nas areias amontoadas em metros de profundidade, pode ser cansativo.

“Isso pode simplesmente destruir o trabalho que você desenvolve”, dizem mãe e filha. Honnureddy concorda, e nos mostra

um trecho de dunas de areia onde ele antes havia cuidadosamente colocado fileiras de plantas – há pouco menos de quatro dias. Agora são apenas sulcos cobertos de areia. Esse lugar, parte de uma zona cada vez mais árida e com ventos fortes, tem tempestades de areia.

“Três meses no ano chove areia nesta vila”, diz M. Basha, outro cultivador do deserto. “Ela entra em nossas casas, na nossa comida”. Os ventos trazem areia até mesmo para as casas não tão próximas das dunas. Redes ou portas extras nem sempre funcionam. “*Isaka varsham* [chuva de areia] faz parte de nossas vidas agora, apenas vivemos com ela”.

As areias não são estranhas à vila de D. Honnur. “Mas sim, a intensidade delas aumentou”, diz Himachal. Muitos dos arbustos e pequenas árvores que formavam barreiras contra o vento se foram. Himachal fala com conhecimento do impacto da globalização e da economia de mercado. “Agora calculamos tudo em dinheiro. Os arbustos, árvores e vegetação se foram porque as pessoas queriam usar cada centímetro de terra para cultivo comercial”. E “se as areias caem quando as sementes estão em germinação ou brotação”, diz o agricultor M. Tippaiah (55 anos), “o dano é total”. Os rendimentos são mais baixos, apesar do acesso à água. “Temos 300 quilos de amendoim por acre, no máximo 400”, diz o agricultor K. C. Honnur Swamy (32 anos). O rendimento médio do distrito é de cerca de 500 quilos/acre.

Os fazendeiros não veem valor nas barreiras naturais ao vento. “Eles apenas querem árvores que têm valor comercial”, diz

Himachal. Árvores que, nessas condições, não conseguem crescer aqui. “De qualquer forma, as autoridades continuam dizendo que ajudarão com as árvores, mas isso ainda não aconteceu”.

“Há alguns anos”, diz Palthuru Mukanna, “vários funcionários do governo se dirigiram para a área das dunas para uma inspeção”. O safári no deserto terminou mal e o SUV atolou nas areias e precisou ser rebocado pelos moradores com um trator. “Não vemos mais nenhum deles desde então”, acrescenta Mukanna. Há também períodos, diz o fazendeiro Mokha Rakesh, “que o ônibus não pode ir para esse lado da vila”.

A perda de arbustos e florestas é um problema em toda a região de Rayalaseema. Somente no distrito de Anantapur, 11% da área é classificada como “floresta”. A cobertura florestal real diminuiu para menos de 2%. Isso teve impacto inevitável no solo, no ar, na água e nas temperaturas. A única floresta grande que se vê em Anantapur é a selva de moinhos de vento – milhares deles – pontilhando a paisagem em todos os lugares, mesmo na fronteira com o minideserto. Estes surgiram em terrenos comprados ou arrendados a longo prazo por empresas de moinhos de vento.

De volta a D. Honnur, um grupo de cultivadores de áreas desérticas nos assegura que as coisas sempre foram assim. Porém apresentam evidências convincentes do contrário. As areias sempre estiveram lá, sim. Mas a força delas, produzindo tempestades de areia, aumentou. Havia mais arbustos e cobertura

vegetal antes. Agora resta muito pouca. Eles sempre tiveram água, sim, mas descobrimos depois a morte do rio que havia muito poucos poços há duas décadas, e agora há centenas. Todos eles lembram um aumento no número de episódios climáticos extremos nas últimas duas décadas.

Os padrões de chuva mudaram. “Em termos de quando precisamos de chuvas, eu diria que são 60% menos”, diz Himachal. “Há menos chuvas no Ugadi [dia do ano novo de Telugu, geralmente em abril] nos últimos anos”. Anantapur é tocada – cautelosamente – pelas monções do sudoeste e do nordeste, mas não obtém o benefício completo de nenhuma das duas.

Mesmo nos anos em que o distrito recebe sua precipitação média anual de 535 mm, o tempo da chuva, seu alcance e dispersão têm sido terrivelmente erráticos. Em alguns anos, as precipitações passaram do período do cultivo para o sem cultivo. Às vezes, houve uma enorme chuva nas primeiras 24-48 horas e depois grandes períodos de seca. No ano passado, alguns territórios apresentaram períodos de seca de quase 75 dias durante a safra (junho a outubro). Para o estado de Anantapur, com 75% da população em áreas rurais e 80% de todos os trabalhadores envolvidos na agricultura (como agricultores ou trabalhadores), isso é devastador.

“Houve apenas dois anos realmente ‘normais’ em Anantapur em cada uma das duas últimas décadas”, diz Malla Reddy, do Ecology Center. “Em todos os 16 anos restantes, dois terços a três quartos do distrito foram declarados afetados pela seca.

Nos 20 anos anteriores a esse período, eram três secas a cada década. As mudanças que começaram no final dos anos 1980 se apressaram a cada ano”.

Um distrito que já foi o lar de uma grande variedade de painços mudou cada vez mais para culturas comerciais como o amendoim. E viu, correspondentemente, um enorme surgimento de poços. Um relatório da Autoridade Nacional de Área de Águas Pluviais diz que agora existem “bolsões onde a exploração de águas subterrâneas excedeu 100%”.

“Há 40 anos, tínhamos um padrão claro – três secas em 10 anos – e os agricultores sabiam o que plantar. Havia entre 9 e 12 culturas diversas e um ciclo de cultivo estável”, diz C. K. “Bablu” Ganguly. Ele lidera o Timbaktu Collective, uma ONG que há três décadas se concentra na melhoria econômica dos pobres rurais nessa região. Seu próprio envolvimento de quatro décadas aqui lhe deu uma visão extraordinária da agricultura da região.

“O amendoim [agora cobrindo 69% da área cultivada em Anantapur] fez com a gente o que fez com o Sahel na África. A monocultura em que nos metemos não alterou apenas a situação da água. O amendoim não pode ficar na sombra, então as pessoas removem as árvores. O solo de Anantapur foi destruído. O [cultivo de] painço foi dizimado. A umidade se foi, o que dificultou o retorno à agricultura de sequeiro”. As mudanças nos cultivos também minaram o papel das mulheres na agricultura. Tradicionalmente, elas eram as guardiãs das sementes das

diversas culturas praticadas aqui. Depois que os agricultores começaram a comprar sementes no mercado para fazer a cultura de híbridos comerciais que tomaram conta de Anantapur (como o amendoim), o papel das mulheres foi reduzido ao de trabalhadoras. Também foram perdidas, ao longo de duas gerações, as habilidades de muitos agricultores na complexa arte de cultivar várias culturas nos mesmos campos.

As forragens agora representam menos de 3% da área cultivada. “Anantapur já teve um dos maiores números de pequenos ruminantes do país”, diz Ganguly. “Pequenos ruminantes são o melhor ativo – propriedade móvel – de comunidades antigas de pastores tradicionais como os *Kurubas*. O ciclo tradicional em que os rebanhos dos pastores forneciam adubo pós-colheita para os campos dos agricultores na forma de esterco e urina é interrompido pela mudança dos padrões das culturas e da agricultura química. O planejamento para esta região tem se mostrado hostil aos marginalizados”.

Himachal, em Honnur, reconhece a diminuição da biodiversidade agrícola ao seu redor e suas consequências. “Antes, nesta mesma vila, tínhamos painço, feijão fradinho, ervilha, ragi, feijão moyashi, vagem...” ele lista. “É muito mais fácil cultivar, mas a agricultura de sequeiro não nos traz dinheiro”. Amendoim fez, por um tempo.

O ciclo das culturas de amendoim é de cerca de 110 dias. A planta apenas cobre o solo, protegendo-o da erosão, por 60 a 70 dias. Na época em que nove tipos diferentes de painço

e leguminosas eram cultivados, oferecia-se ao solo superficial uma cobertura protetora de junho a fevereiro de cada ano, com um ou outro cultivo sempre no solo. A mudança para o monocultivo de amendoim gerou intensa erosão do solo.

De volta a Honnur, Himachal está reflexivo. Ele sabe que os poços e as colheitas comerciais trouxeram grandes benefícios para os agricultores. Ele também vê a tendência de declínio nisso – e as crescentes migrações à medida que os meios de subsistência diminuem. “Sempre há mais de 200 famílias que procuram trabalho fora”, diz Himachal. Esse é um sexto dos 1.227 domicílios registrados pelo Censo de 2011 nesta vila no território de Bommanahal, em Anantapur. “De 70 a 80% de todas as famílias estão endividadas”, acrescenta. A angústia é alta em Anantapur há duas décadas, sendo o distrito de Andhra Pradesh o mais afetado por suicídios de agricultores.

“O tempo de expansão dos poços acabou”, diz Malla Reddy. “O mesmo acontece com a cultura comercial e as monoculturas”. Todos os três ainda proliferam, no entanto, impulsionados por essa mudança fundamental da produção para consumo para “criar produtos para mercados desconhecidos”.

Se a mudança climática é simplesmente a natureza pressionando o botão de reiniciar, o que vimos então em Honnur e Anantapur? Além disso, como os cientistas nos dizem, as mudanças climáticas ocorrem em vastas regiões e zonas naturais – Honnur e Anantapur são unidades administrativas,

meras manchas, pequenas demais para serem qualificadas. Será que grandes mudanças em regiões muito maiores podem às vezes agravar a situação nas sub-regiões existentes dentro delas?

Quase todos os elementos de mudança aqui resultaram da intervenção humana. A “epidemia de perfuração de poços”, a grande mudança para culturas comerciais e monoculturas, a perda de biodiversidade que poderia ser a melhor defesa de Anantapur contra as mudanças climáticas, o esgotamento contínuo do aquífero, a devastação da pequena cobertura florestal dessa região semiárida, o dano às pastagens e uma grave degradação do solo, a intensificação industrial da agricultura química, o desmoronamento das relações simbióticas entre fazenda e floresta, pastores e agricultores, a perda de meios de subsistência, a morte dos rios. Tudo isso impactou claramente nas temperaturas e no clima – o que, por sua vez, agravou ainda mais esses processos.

Se a ação humana, impulsionada por um modelo de economia e desenvolvimento enlouquecido, é um fator determinante nas mudanças que nos afetam, ainda há muito a ser aprendido nessa região e em muitas outras. “Talvez devêssemos fechar os poços e voltar à agricultura de sequeiro”, diz Himachal. “Mas é muito difícil”.



V. L. Himachal.  
Arquivo Popular da Índia Rural / P. Sainath

## *II. As mulheres agricultoras de Kerala superam a enchente*

“O pó fino da lama seca e a poluição que estão depositadas nos campos são bastante desagradáveis”, diz Dathan C. S. em Pattanamthitta. “Por favor, use isso”, ele acrescenta, entregando-me uma máscara de cirurgião. Atrás dele, uma mulher ri – uma das que teve sua fazenda arruinada pelas inundações de Kerala. “Ele mora em Mumbai”, ela brinca, “por que precisaria de uma proteção contra a poluição?”

Os campos são a imagem da devastação. O que antes era uma porção de terra rica em arroz e mandioca, lucrativa, está enterrada sob centímetros – em alguns pontos bem espessos – de lodo do leito do rio e seus afluentes, além de poluentes trazidos pelas águas da enchente. Em muitos hectares de terras agrícolas, essa mistura mortal de sujeira e matéria secou e endureceu ao sol escaldante, cobrindo o solo com uma manta de cimento bruto.

Os lençóis freáticos estão diminuindo, a reposição das águas subterrâneas não está acontecendo, os poços estão secando, as temperaturas estão subindo. Tudo isso e muito mais impactou perverosamente toda a equação entre águas superficiais e subterrâneas. Os regimes fluviais foram dramaticamente transformados. Com a perda de seus leitos de areia e lodo, muitos rios e córregos agora são incapazes de reter água. E, por incrível que pareça, a próxima calamidade a ser enfrentada por Kerala pode ser uma seca.



As mulheres estão trabalhando na limpeza da lama, mas trechos como este, no meio dos campos, permanecem duros e difíceis de limpar.  
Arquivo Popular da Índia Rural / P. Sainath

Restaurar o cultivo nessa situação pode desanimar até mesmo os mais determinados. Não é o caso das mulheres de Kudumbashree.

Há mais de 250 mil delas, uma parte da massiva rede comunitária de mulheres em Kerala. Kudumbashree (literalmente, “prosperidade da família”) tem quase 4,5 milhões de integrantes. A associação é aberta a mulheres adultas, mas apenas uma por família. O que significa que cerca de 60% dos que vivem nos 77 *lakh*<sup>2</sup> de Kerala têm uma integrante que faz parte dessa rede. No coração de Kudumbashree, estão as mulheres agricultoras de 3,2 *lakh* que se uniram aos *sangha krishis* – unidades que praticam agricultura em grupo ou coletivamente.

Existem 70 mil *sangha krishis*, cada um com cinco membros em média. Todo grupo trabalha em terras arrendadas, geralmente com menos de dois acres e meio. Às vezes apenas um acre. A maioria pratica a agricultura orgânica ou sustentável com poucos insumos. Em um país em que a agricultura está em frangalhos, essas mulheres administram suas pequenas terras com lucro e sob o princípio da “justiça alimentar” – o excedente de produtos só pode ser vendido no mercado depois que todas as famílias da do grupo tiverem suas próprias necessidades satisfeitas.

Seu sucesso e eficiência significam que, diferentemente de outras partes do país, os bancos correm atrás deles, e não o contrário.

---

<sup>2</sup> Unidade métrica indiana correspondente a 100.000



**Mulheres agricultoras de uma unidade agrícola do grupo Kudumbashree, em Pattanamthitta, estado de Kerala. Toda a colheita foi destruída por níveis surpreendentes de chuvas e inundações, mas as mulheres se recusam a ficar desanimadas e prometem voltar a cultivar em seus campos cobertos de lama dentro de meses.**

Arquivo Popular da Índia Rural/P. Sainath

No distrito de Pattanamthitta, onde estamos agora, eles têm uma taxa de reembolso de 98,5%. Em algumas aldeias, Kudumbashree é o maior depositante no banco local.

Mas agora, os *sangha krishis* estão devastados pelas enchentes – eles podem ter perdido o equivalente a 560 mil dólares em todo o estado. Desse montante, apenas as colheitas destruídas correspondem à metade. O restante se refere à perda de fertilidade do solo, custos de recuperação de terras, perda acumulada em empréstimos e danos colaterais. O valor geral ainda pode subir mais à medida que outros custos apareçam.

Os 71 grupos que trabalhavam em 92 acres nos nove *panchayats* [conselhos de aldeias] da cidade de Ranni haviam tomado 100 mil dólares em empréstimos bancários este ano. “Tudo foi embora com essa enchente”, diz Omana Rajan, uma das principais ativistas de Kudumbashree e agricultora do grupo. Seu próprio *sangha krishi*, chamado *Manna* [dom divino], havia lucrado 2.800 dólares somente com o cultivo de banana no ano passado. Cada um dos cinco membros do grupo obteve um lucro de cerca de 700 dólares no ano passado. “Conseguimos preços ótimos ao praticar a agricultura orgânica. Mas este ano perdemos os melhores preços sazonais – o período do festival de Onam (da colheita). Tudo foi destruído. Mas vamos reconstruir”.

Estamos vendo essa destruição na vila de Ranni Angadi. Menos de 10 dos 71 *sangha krishis* deste *panchayat* têm algum seguro – não é fácil conseguir isso para terras arrendadas. Dathan, mestre em Agricultura, funcionário do departamento de conservação do solo

do governo de Kerala, examina os danos com os olhos de um especialista. Ele trabalha no comitê com Kudumbashree com ativistas como Bincy Bijoy, que havia brincado com o fato de habitantes de Mumbai precisarem de proteção contra a poluição. Sua visão é a de uma praticante de agricultura.

Para onde quer que se olhe, o dano é assustador. Mas a coragem e o espírito dessas mulheres parecem aumentar em proporção inversa à devastação que sofreram nas enchentes de agosto – a pior de Kerala em um século. Em nossa primeira reunião no escritório do *panchayat* Ranni Angadi, elas começaram a rir, alegres. O presidente do *Panchayat*, Babu Pullat, brinca: “estar no meio de uma grande tragédia sobre a qual esse homem veio escrever”, disse ele, “e aqui estão todas rindo. O que ele vai pensar? Não deveríamos estar sérios?” Mais risadas se seguiram a essa advertência. Algumas mulheres insistiram em falar comigo em hindi, apesar de elas e eu falarmos tâmil. Mas eu era de Mumbai e, portanto, tinha que ser hindi.

Custa pouco mais de 4.200 dólares cultivar um hectare de banana, explica Bijoy. “Cada uma das 1.000 plantas que podemos colocar em um acre custa 4,2 dólares. Também temos que gastar algo em pesticidas orgânicos. E há altos custos de mão de obra”. Mas podem obter rendimentos de 10 a 12 toneladas por acre e vender suas bananas por 0,8 dólar o quilo. Assim é possível ter de 2.100 a 2.800 dólares de lucro, como muitos dos grupos daqui no ano passado. “Além disso”, diz Shiny Joseph, do *sangha krishi Sangamam* [Confluência], “podemos obter preços melhores na época do festival da colheita (Onam) de até 95 dólares o quilo”.



**As inundações chegaram quase ao teto dessa casa em Ranni Angadi.**  
Arquivo Popular da Índia Rural / P. Sainath

No ano passado, cada um dos seis membros do *Sangamam* obteve lucro de 700 dólares. “Este ano perdemos tudo. Todos os três acres foram destruídos. Pode custar 1400 dólares limpar as toneladas e as camadas de sedimentos e sujeira por cada acre”, diz Joseph. “Os canais também precisam ser limpos. Pode levar três meses, mas tentaremos fazê-lo o quanto antes. No entanto, tudo está secando. Estamos agora enfrentando uma seca”.

Inúmeras mulheres agricultoras disseram a nós que não tinham dúvidas de que poderiam reconstruir – e logo. Não é como se elas não soubessem a gravidade da situação, mas a determinação supera a devastação. “A nossa força é coletiva. Tiramos coragem e força de vontade de nossa solidariedade. Kudumbashree tem tudo a ver com solidariedade”. Essa é uma afirmação que as ouvi repetir ao longo de muitos anos. Agora, após as inundações de Kerala, elas estão provando que a afirmação é verdadeira.

Em todo o estado, os agricultores dos sangha krishi que perderam quase tudo ainda conseguiram algumas contribuições para ajudar a grande rede Kudumbashree a angariar 980 mil dólares para o Fundo de Assistência. O 11 de setembro trouxe outro momento pungente. Naquele dia, em Nova Déli, Kudumbashree recebeu o prêmio da Missão Nacional de Meios de Subsistência Rurais (NRLM) por “Desempenho excepcional em meios de subsistência agrícola”. Foi a primeira vez que o NRLM concedeu esse prêmio.

Kudumbashree poderia muito bem ser o maior programa de justiça de gênero e redução da pobreza do mundo. Criada como parte de uma iniciativa do governo pela Frente Democrática de Esquerda

em 1998, as mulheres valorizam a independência e a autonomia que construíram coletivamente desde então: “trabalhamos com governos, não para governos” é como um lema. Apesar de toda a sua coragem e independência, hoje eles precisam da ajuda dos bancos e de outras instituições – e da solidariedade de todos nós. Não há paralelo neste país com este nobre empreendimento agrícola liderado por mulheres pobres. Certamente não nesse escopo, tamanho e conquista.

Ao sairmos para encontrar outras *sangha krishis*, uma das mulheres aparece para dizer: “Eu voltarei. Tomamos um grande golpe, mas voltaremos. Vamos começar a cultivar novamente em um mês, você verá”.





Integrantes de Kudumbashree de vários grupos sangha krishi na animada reunião no escritório de Ranni Angadi.  
Arquivo Popular da Índia Rural / P. Sainath



# tricontinental

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social  
*é uma instituição internacional, organizado por  
movimentos, com foco em estimular o debate  
intelectual para o serviço das aspirações do povo.*  
[www.otricontinental.org](http://www.otricontinental.org)

Instituto Tricontinental de Investigación Social  
*es una institución promovida por los movimientos,  
dedicada a estimular el debate intelectual al servicio  
de las aspiraciones del pueblo.*  
[www.eltricontinental.org](http://www.eltricontinental.org)

Tricontinental: Institute for Social Research  
*is an international, movement-driven institution  
focused on stimulating intellectual debate that serves  
people's aspirations.*  
[www.thetricontinental.org](http://www.thetricontinental.org)

**Foto de capa** | Há 20 anos, Pujari Linganna precisou tirar vegetação para uma filmagem. Hoje, o tempo e as ações humanas trouxeram as características do deserto. *Arquivo Popular da Índia Rural / Rahul M.*